

## **11** INTRODUÇÃO

### **19** PARTE I: **QUANDO O TEMPO NÃO EXISTE**

- 20 TAREK ABI SAMRA, O bastardo
- 44 ZENA ALKHALIL, Maya Rose
- 60 BANA BAYDUN, Delivery de pizza
- 90 NAJWA BARAKAT, Sob a árvore da melancolia
- 112 HYAM YARED, A eternidade e a ampulheta

### **129** PARTE II: **PANORAMA DA ALMA**

- 130 LEILA EID, Maçãs de Beirute
- 154 RAWI HAGE, Nação de pássaros
- 164 O INCRÍVEL SARDINHA, Dentes Sujos
- 184 MAZEN MAARUF, As caixas
- 212 BACHIR HILAL, Rompimento

### **233** PARTE III: **ESPERANDO POR ONTEM**

- 234 HALA KAWTHARANI, O fio da vida
- 250 MUHAMMAD ABI SAMRA, Sem vestígio em Beirute
- 278 ABBAS BAYDUN, A morte de Adel Uliyan
- 298 ALAWIYA SOBH, O cheiro da mulher, o cheiro da cidade
- 316 MARIE TAWK, Velas no asfalto

# INTRODUÇÃO

VIOLÊNCIA DA  
SOLIDÃO, VIOLÊNCIA  
DA DESORDEM

**IMAN HUMAYDAN**

# B

Beirute é uma cidade de contradições e paradoxos. É uma cidade urbana e rural, de violência e perdão, de lembranças e esquecimento. Beirute é uma cidade de guerra e paz. Esta coleção de contos é parte de um resgate vibrante e vivo de Beirute. *Beirute noir* reencontra a cidade por meio da escrita e das visões literárias de seus autores.

Montar esta coletânea foi um experimento ambicioso para mim; organizá-la, um exercício fascinante e cheio de desafios. Reunir em um livro quinze contos de escritores com pontos de vista tão diferentes sobre Beirute não é fácil em nenhum sentido. Catorze escritores libaneses e um palestino nascido e criado em Beirute contribuíram para o livro que você tem em mãos. Em conjunto, seus contos refletem realidades decadentes e o submundo da cidade. Cada história é apenas uma peça diminuta de um mosaico maior; todas se mesclam aqui para nos oferecer um retrato mais completo da cidade.

São tantos os clichês com os quais nos defrontamos ao examinar Beirute que é difícil não descrevê-la como a cidade que nunca dorme, como o centro da vida e, também, como uma cidade companheira da morte. Embora pareçam contraditórias, as duas últimas descrições estão relacionadas e são indissociáveis. Aqueles de nós que vivem aqui e que conhecem bem

a cidade identificam essas caracterizações poderosas que carregamos em nosso imaginário coletivo. Uma vez, em outro lugar, descrevi Beirute como “a cidade que dança sobre suas feridas”.

Sabemos que o Líbano é um país com uma história longa e uma rica diversidade de culturas e tradições religiosas, assim como de uma fartura de idiomas. Toda escola no Líbano ensina três línguas: árabe, inglês e francês. Não perdi de vista essa ambientação trilingue ao escolher as histórias para este livro.

Nesta coletânea de contos, fica evidente uma atitude geral com relação a Beirute: a cidade é vista de uma posição crítica de dúvida, decepção e desespero. Os contos revelam o vasto labirinto de uma cidade que não se encontra em folhetos turísticos nem em ilustrações nostálgicas totalmente distantes da realidade. Talvez isso não precisasse ser dito numa coletânea de histórias intitulada *Beirute noir*, mas o rótulo “noir” deve ser visto de múltiplos ângulos, uma vez que adquire diferentes formas nos contos, sem dúvida por coincidir com momentos distintos pelos quais Beirute passou.

De alguma maneira, todos os contos estão emoldurados pela guerra civil libanesa, que durou aproximadamente de 1974 a 1990. Aqui, a guerra serve como fronteira entre as lembranças dos autores e as de seus personagens. Com efeito, independentemente de os contos estarem enquadrados em espaços de tempo antes, durante e depois da guerra, todos eles, de algum modo, evocam esse período — mesmo que só para lembrar de outras épocas das quais nada resta.

Alguns contos exploram lembranças de pessoas feridas por Beirute durante a guerra e que ainda não se curaram. Entre esses trabalhos estão: “Sem vestígio em Beirute”, de Muhammad Abi Samra; “Maças de Beirute”, de Leila Eid; “Velas no asfalto”, de Marie Tawk; “A morte de Adel Uliyan”, de Abbas Baydun; “Rompimento”, de Bachir Hilal; e “O fio da vida”, de Hala Kawtharani. Outros contos, narrados por vozes novas e frescas, nascidas em meio à violência dessa guerra, esbanjam senso de humor com suas visões obscuras, como: “A eternidade e a ampulheta”, de Hyam Yared; “Sob a árvore da melancolia”, de Najwa Barakat; e “Dentes Sujos”, de um jovem autor que assina sob o pseudônimo O Incrível Sardinha [The Amazin’ Sardine]. Algumas histórias insinuam as complexidades das questões de classe numa sociedade marcada pela intransigência, como: “O bastardo”, de Tarek Abi Samra, e “As caixas”, de Mazen Maaruf.

Se as histórias podem ser divertidas, a vida dos personagens pode ser instável, e com frequência eles não têm nenhuma confiança no futuro. Ainda assim, rimos sombriamente lendo “Delivery de pizza”, de Bana Baydun — sua melancolia nos leva direto ao limite do que conseguimos achar engraçado. Isso também é verdade em “Nação de pássaros”, de Rawi Hage, bem como nos contos de Hyam Yared e Bachir Hilal. Beirute é assim. Muita dor e muitas vidas perdidas; choramos mesmo quando rimos. Em Beirute, o caos é um estilo de vida.

Mas isso não é tudo que há em Beirute. A cidade ainda está abarrotada, e em movimento; à noite, na verdade, pode até ser turbulenta. Mas essas multidões

e a agitação não são as mesmas que ocorrem de dia. As noites de Beirute são diferentes. É como se, na ausência do dia, a cidade se libertasse de seu caráter austero. De alguma maneira, a noite ameniza sua brutalidade e angústia; a cidade pode ser vista em suas luzes refletidas no mar, estendendo-se longamente aos pés das montanhas próximas e em suas paisagens verdadeiramente lindas. As contribuições de Bana Baydun e de Mazen Maaruf oferecem retratos noturnos da cidade por meio da vida de jovens nascidos depois da guerra. Essa é uma Beirute onde se juntam a violência da solidão e a da desordem.

O caos impera aqui — ele é a fonte não só da violência como também da diversidade e do dinamismo de todos os aspectos da cidade. A maioria dos contos desta coletânea confirma isso, mas especialmente os de Rawi Hage, Zena Alkhalil e Alawiya Sobh.

Ainda assim, o tempo é precioso em Beirute. O conto de Hyam Yared, centrado numa ampulheta, é o reflexo do medo que as pessoas têm de que o tempo escorra pelos dedos e se perca, assim como os libaneses perderam quinze anos de sua vida durante a guerra civil.

Pelos olhos da criança morta, a narradora cujo nome dá título à história de Alkhalil, “Maya Rose”, temos um panorama da costa litorânea de Beirute vista de cima do calçadão, próximo ao farol e além. Esse conto, assim como *Beirute noir* inteiro, nos permite um vislumbre das coisas bonitas de Beirute, até mesmo quando ela acorda e dorme em meio à violência e à desordem.

Beirute vive através do tempo sempre oscilando entre a guerra e a paz; momentos como esses deixam o cenário de *Beirute noir* tão exposto quanto a ponta de uma faca.

*Iman Humaydan*  
*Beirute, Líbano*  
*Setembro de 2015*



DELIVERY DE PIZZA

**BANA BAYDUN**

**Manara**

“S

erá que isso é possível? O braço de uma pessoa continuar esticado depois da morte, apontando para o céu... Ou estou imaginando coisas?”, ela perguntou a seu amigo Mark, o médico.

Ele disse que, de acordo com a Medicina, era impossível, mas acrescentou que sempre havia uma chance de que as coisas saíssem do curso previsto pela ciência. Contudo, era algo tão raro, a ponto de ser quase uma mera hipótese, à qual não se podia atribuir uma alta probabilidade — como a chance de ser atingida por um raio enquanto se atravessava a rua. Qual era o nome daquele livro que ela sempre pegava emprestado na biblioteca da escola, *Estranhezas e maravilhas ao redor do mundo...* ou algo parecido com isso? Em um dos volumes havia a imagem de uma pessoa queimada ou “carbonizada”, como o livro dizia, logo depois de ser atingida por um raio quando estava sentada na varanda de casa. Ler isso a deixou perdida em pensamentos por um bom tempo. Ela não sabia dizer exatamente se aquilo era uma coisa em que se podia acreditar ou não, e essa dúvida a pôs em um estado de enorme confusão, pois era muito importante para ela — sobretudo naquela idade — que houvesse respostas claras e exatas para tudo.

*Talvez* era uma palavra difícil para ela — até mesmo dolorosa —, e ainda hoje é. *Talvez* significa que tudo

pode acontecer; ou o contrário. Para ela, talvez era como um grande zero prestes a explodir na sua cara a qualquer momento; como um ovo gigante que pode conter um dinossauro selvagem ou estar simplesmente vazio. Não sabia qual possibilidade seria a pior. Enfim, às vezes, até fatos comprovados pela ciência são increditáveis. Lembrou-se de quando a professora de matemática lhe disse que se um número negativo é antecedido por um sinal de menos, ele vira positivo (– com – = +). Ela nunca acreditou nisso. Como poderiam dois negativos dar origem a um positivo? Quando perguntou sobre isso à professora naquele dia, ela ouviu: “Porque é assim que é”. No fim, foi forçada a aceitar a contragosto esse fato ridículo, só para não ser reprovada. Mas, depois, ela voltava à equação sempre que não encontrava um motivo convincente para explicar sua própria estupidez recorrente. Essa equação poderia ser a explicação perfeita de seu amor por Khaled, por exemplo, embora isso só lhe tivesse trazido problemas até agora — sem dúvida, todos os negativos dele devem ter resultado em algo positivo no coração dela.

Voltando à pergunta que a preocupava: será que a garotinha da chacina de Cana tinha morrido com a mão esticada para o céu, como ela imaginou ter visto na televisão? Para o que ela estava apontando? Para alguma coisa no céu que tinha chamado sua atenção, talvez o mesmo avião que soltou a bomba em cima dela? Ou esse detalhe não passava de um complemento estranho de sua própria imaginação à verdadeira cena da chacina? Ela leu em algum lugar que, de vez em quando, a imaginação é capaz de recriar a realidade de acordo com a imagem que temos dela. Por exemplo, quando

vemos uma criança de longe, na maioria das vezes achamos que ela está sorrindo para nós, ainda que não possamos discernir bem suas feições. Mas isso só porque, na nossa imaginação, vemos as crianças sempre sorrindo e, mais especificamente, sempre vivas.

Maya acordou de repente de seu monólogo interno, viu dois olhos pretos encarando-a e gritou de medo, dando um pulo para trás. O rapaz dos olhos pretos não se mexeu, mas olhou para ela por alguns instantes, claramente desgostoso, depois se virou e seguiu seu caminho. Ela levou um tempo para se recompor e retomar sua caminhada. Não era a primeira vez que isso acontecia. Ela estava acostumada a sonhar acordada e se perder em pensamentos enquanto caminhava. Às vezes, os passantes esbarravam nela sem querer; ela pulava de susto e demorava um pouco para se recuperar, como se precisasse se replantar no espaço geográfico em que estava.

Seguiu seu caminho sonhando acordada de novo, refletindo sobre a mecânica do sonhar acordada e como o corpo continua em movimento por conta própria, como se estivesse totalmente desvinculado de seu dono. Sempre lhe acontecia, por exemplo, de estar em um bar e se ver despertada de um desses sonhos estranhos por algum homem sorrindo para ela numa mesa em frente, por pensar que ela estava olhando para ele. Sem dúvida, ela se saía melhor na sedução sonhando do que acordada. Esse pensamento engraçado a encantou. Debruçou-se para pegar uma das violetas que cresciam na calçada ao redor do parque Sanaya, pelo qual sempre passava a caminho do

bar de Abbu Wadiya, em Hamra, onde, recentemente, se acostumara a passar as noites.

As violetas pareciam cinza-escuro naquela noite, ensombrecidas pela escuridão que cobrira Beirute depois que os caças israelenses se dedicaram, como sempre, a bombardear a Companhia Elétrica do Líbano. Ela se lembrou de um ataque anterior de Israel ao país, quando precisou ficar agachada a noite toda, sozinha no escuro. Daquela vez só tinha catorze anos e não pôde fechar os olhos até de manhã, até poder se ver e ter certeza de que todas as partes de seu corpo estavam lá. Ali no escuro, ela foi perdendo toda a sensibilidade nas extremidades do corpo. De vez em quando, se tocava para ter certeza de que estava tudo no lugar, mas era impossível alcançar todas as partes do corpo somente com as mãos. Mesmo quando se enrolava como uma bola, sempre uma de suas extremidades ficava fora do seu alcance, vagando sozinha na escuridão e se transformando aos poucos em uma figura estranha. De repente sua mão virou uma espiral; outra hora, ficou esticada como uma régua e, depois, caiu leve como um algodão fofo. Os barulhos do bombardeio ressoaram a noite inteira, mas não foram eles que a deixaram ansiosa, e sim a ideia de morrer aprisionada no corpo da escuridão, antes que a luz viesse para separar os dois corpos. Desde a infância, a luz fora sua melhor amiga. Silenciosa, quente, por algum motivo sempre sentiu que ela a amava — e ainda ama — e que era a única que via o que habitava dentro dela. Soltou a violeta, como de costume, e continuou andando. Ela não sabia por que era tão difícil se lembrar das coisas.

Se esquecesse que estava com uma flor na mão, sabia que a flor seria sufocada lentamente, roídas suas extremidades, espremida e esmagada até perder a cor por completo. Ela faria isso sem intenção, ocupada com alguma ideia na cabeça, e então, de repente, perceberia o que tinha feito e ficaria triste como uma criancinha. Essa situação não se restringia às flores, acontecia com quase tudo, fosse importante ou trivial. Depois desse devaneio, ela se lembrou do anel que Khaled lhe dera antes de viajar. Olhou o dedo, procurou o anel e não o encontrou. Devia tê-lo esquecido de novo na pia de casa, embora não devesse ficar tirando o anel, porque ele era de ouro e não seria danificado por água e sabão, como sua amiga dissera. Mesmo assim, continuou tirando o anel, porque continuou imaginando que havia algo grudado nele. Ela não queria perder o anel nem os outros presentes que as pessoas lhe deram ao longo dos anos; nem mesmo Khaled sabia de seu esforço diário para preservar esse presente, o qual às vezes parecia mais um ônus ou um fardo pesado. Khaled não era como ela; ele guardava tudo, até mesmo as coisas mais insignificantes. Sua casa era um estranho museu onde ele reunia lembranças de cada pessoa que tinha passado por sua vida. Um dia, ela abriu uma gavetinha próxima à cama dele e achou algumas coisas dela ali, coisas que havia até esquecido que tinha: um pequeno elástico vermelho de cabelo, uma pulseira de couro, o pôster de uma peça que ela havia dirigido fazia tempo e pedacinhos de papel com uns rabiscos e palavras incompreensíveis. Não entendeu por que ele tinha guardado todas aquelas coisas e, quando lhe perguntou, a resposta a deixou ainda mais perplexa:

Maya:

“Khaled, que coisas são essas?”

Khaled:

“É tudo seu. O elástico de cabelo você esqueceu na pia do banheiro na primeira vez em que dormiu na minha casa; o pôster é de quando nos conhecemos, você o estava pendurando na parede, em Hamra, e eu ajudei, lembra?”

Maya:

“Sim; do pôster eu lembro. Do elástico, não mesmo. Achei que fosse na segunda vez, quando vim aqui brigar com você.”

Khaled:

“Sabe... eu salvei todas as nossas conversas do Facebook em um arquivo especial no meu computador, junto com todas as nossas mensagens de telefone desde que nos conhecemos até agora.”

Maya:

“Por quê?”

Khaled:

“Tenho medo de perder o telefone ou de me rouba-rem, sei lá...”

Ela lembrou de ter se sentido feliz naquela época e também de ter ficado constrangida por não se recordar de todos os detalhes que ele tinha mencionado, e se perguntou se aquilo queria dizer que ela não o amava o suficiente. Entretanto, sua felicidade não durou muito, porque, dias depois, ela abriu uma segunda gaveta por acaso e descobriu que ele guardava lembrancinhas de sua ex-namorada Nisrin, arrumadas com o mesmo capricho e zelo que tinha com as coisas dela.

Ela parou um pouco para tentar ouvir os sons vindos do parque Sanaya, de dentro das barracas brancas das pessoas desalojadas que tinham fugido dos bombardeios israelenses nos subúrbios e no sul. Lembrou de seu amigo Majid, que naquela manhã dissera, brincando, que Xanax e camisinhas estavam no topo da lista de pedidos dos desalojados. Ela não soube por que não achou aquilo engraçado, e sim doloroso. Lembrou de um pesadelo recorrente em que ela está no meio da rua de pijama, ou de um em que ela acorda assustada e cercada por estranhos em seu quarto — aquela sensação aterrorizante de que sua vida privada se tornou pública. Sua resposta a Majid foi perguntar se ele tinha parado de fazer sexo desde que a guerra começara. Ele pareceu constrangido pela pergunta e respondeu que não.

Certa vez, quando ainda estava na faculdade, ela e seu amigo Rami pularam o muro escondidos e se infiltraram no parque à noite. Lembrou-se do quanto tinha ficado feliz de se esticar na grama úmida e de como teria ficado ainda mais feliz se Rami — de quem ela já não gostava muito — não tivesse tentado dar em cima dela o tempo todo. Pelo jeito, não fora a grama que o atraía; ela não sentia atração por ele e tinha ido lá apenas pela empolgação de se infiltrar no parque. Ela pensou em se infiltrar, ir até uma barraca que não conhecia e se deitar ali. Qualquer lugar era melhor do que voltar para casa, onde ela não encontraria Khaled. Não sabia por que se sentia tranquila em todos os lugares, menos em sua casa. Talvez todos os problemas de seu relacionamento com Khaled tivessem começado quando ele se mudou para sua casa e ela não impediu. Afinal, já



vivia como se fosse uma visita em sua própria casa. Por que ele fez aquilo com ela? Enraizou-se em todos os mínimos detalhes da vida dela e a distanciou de tudo que se relacionasse à vida dele. Ele desistiu de sua vida para viver a dela e depois desistiu de sua vida e da dela, e foi viver outra vida.

Na época, ele sonhava simplesmente em deixar tudo e viajar para longe, sem rumo. Ela não sabia por que não entendia esse sonho dele. Talvez porque sua sensação de pertencimento não a oprimia da mesma forma que a Khaled. Talvez porque ela estava fundamentalmente perdida; decerto era por isso que conseguia explorar os mesmos lugares várias vezes sem se sentir exausta nem entediada. Lembrou de ter lido em algum lugar que peixes perdem a memória a cada cinco minutos e por isso nadam alegremente em lagos pequenos. Eles esquecem onde estão a cada cinco minutos e voltam a nadar em círculos, descobrindo o mesmo lugar de novo. Até agora ela não tinha encontrado uma teoria melhor para explicar o grande amor que ela sentia por andar em torno dos mesmos círculos vazios.

Como de costume, a voz do policial parado em frente ao muro do Ministério do Interior, próximo ao parque Sanaya, despertou-a de seus sonhos. Ele sempre dava em cima dela:

*“Bonsoir, mademoiselle.”*

Como de costume, ela não respondeu; continuou caminhando em direção a Hamra, ouvindo-o bater papo com um colega. Esse comportamento do policial não a incomodava; de certa forma, até a tranquilizava. Com aquela repetição estúpida, ela sentia como se

a vida continuasse, apesar da guerra e do estado de emergência que seguiam vivos em sua cabeça. Porém, queria entender que tipo de prazer ele sentia ao dizer aquela frase, porque parecia feliz sempre que a pronunciava. Poderia ser o simples prazer de repeti-la e de antecipar o que viria; ele sabia que ela não ia responder, e ela sabia que ele sempre diria a mesma frase. Como o prazer de assistir à cena de um filme que já vimos. Uma sensação de controle, como uma capacidade premonitória.

Ela parou de ouvir os sons do bombardeio, cujo ritmo se mantivera constante por duas horas — estranho como as pessoas se acostumam a qualquer som quando precisam. O subúrbio, que fora bombardeado durante o ataque, ficava a quinze minutos de carro de onde ela estava, mas naquele momento parecia muito distante, como Khaled. Ela se lembrou da primeira conversa deles por telefone quando ele chegou ao Canadá. Ele contou sobre muitas coisas que tinha visto: o homem esquisito que o parou na estação de trem para perguntar se poderia ficar na casa dele aquela noite, pois alienígenas tinham invadido sua casa. Contou-lhe como a neve estava linda naquela manhã. Ela, porém, não prestava muita atenção naquilo tudo. Escutava outro som, diminuto, entre uma palavra e outra, como aquele breve silêncio entre uma bomba e outra que caíam no subúrbio.

Eles vão publicar o número de mortes no jornal, mas não vão dizer quantos morreram entre um silêncio e outro. Estranho como naquele exato momento ela se sentiu como se realmente pertencesse àquele país. Ainda mais estranho foi Khaled ter partido bem

na hora em que a guerra foi deflagrada. Naquela noite, ela dormiu querendo que o mundo acabasse e acordou na manhã seguinte com o mundo de fato sendo destruído. Desde então, sentia uma culpa esquisita, como se ela causasse tudo aquilo.

“Bsssstttt.”

Ela estava na metade do caminho para o bar de Abbu Wadiya, quando ouviu uma voz que reconheceu imediatamente. Surpreendeu-se; seria o mesmo homem de novo?

“Bsssssssssssssst.”

Ao segundo “bst”, não teve a menor dúvida de que era o “bst” que ela conhecia tão bem e ao qual estava decidida a nunca responder. Porém, só daquela vez, virou-se para tirar a dúvida. Sim, era o mesmo homem que gostava de se exhibir para ela; ele sempre se escondia em algum lugar, atrás de um carro, no meio do caminho para o bar de Abbu Wadiya, esperando uma jovem passar para chamá-la: “Bsssssst”. Assim que ela se virava, ele abaixava a calça.

Ela se virou depressa e continuou andando, morrendo de rir. Não esperava vê-lo naquele fim de tarde, mas parecia que nem mesmo a guerra impediria aquele homem de prosseguir com seu incompreensível hábito de mostrar o pênis aos passantes.

Lembrou-se da reação histérica de Miriam quando as duas estavam juntas e o homem fez “bsbs” para elas e depois se exibiu. Não sabia por que, mas aquele homem não a assustava, só a fazia rir. Talvez a loucura fosse uma reação mais apropriada à vida — as pessoas racionais eram as que mais a assustavam, como

Khaled e seu refinamento ilimitado. Ela nunca o viu fazer alguma coisa errada ou se comportar de maneira inadequada. Até quando bebia, ele tinha pleno controle de sua consciência social. Na verdade, somente quando estava bêbado ele se parecia com ela totalmente sóbria.

Chegou ao Abbu Wadiya e o lugar estava vazio, exceto pelo barman Alaa e por um freguês, um homem corcunda sentado na ponta do balcão. Por algum motivo, esse cliente a deixou curiosa; ela não conseguia definir se ele era mesmo corcunda ou se era apenas o jeito como estava sentado. O corpo dele parecia muito pesado, como se a qualquer momento fosse desabar sobre a mesa ou sobre o copo. Ela se lembrou da conversa estranha que tivera com Khaled sobre *A insustentável leveza do ser*, de Kundera, na primeira vez em que se encontraram, e de como ele se matou de rir quando ela falou da sua interpretação sobre os estados de tristeza e seus significados para as pessoas segundo a lei da gravidade. Não havia dúvida de que a gravidade afetava algumas pessoas mais do que outras e, por causa disso, elas experimentavam uma sensação contínua de pesar, a qual associavam com tristeza e luto, ao passo que a gravidade pesava menos para outras pessoas, que se sentiam mais leves e, portanto, mais felizes que as demais. Os dois tinham conversado sobre isso sentados à mesa pela qual ela havia acabado de passar. Ela correria a mão lentamente sobre a mesa de madeira, como se para se certificar de que ainda estava firme. Com frequência, quando a dor vinha saudá-la, ela gostava de tocar as coisas à sua volta. Por algum tempo, sempre que acordava de manhã tomada pela consciência amarga de que Khaled

a deixara, ela encostava a mão na parede fria e a mantinha um pouco ali. Por alguma razão, isso a acalmava.

Pediu uma cerveja Almaza e foi se sentar sozinha a uma pequena mesa de canto. Não lembrava de já ter estado nessa mesa com Khaled. Normalmente ela não gostava de se sentar no canto, odiava ficar olhando para a parede. Contudo, desde que Khaled tinha ido embora, ela sentia que sua relação com as paredes havia melhorado.

No dia anterior, ela tivera um sonho estranho cujo protagonista era um sofá. Ele estava dentro de uma casa, mas ela não sabia onde. Viu um sofá cinza no fundo de uma sala de estar e achou que era o mesmo das fotos de sua casa de infância. Ela foi correndo para a sala de entrada em busca de um espelho para se examinar. O sofá cinza a levou de volta a um passado distante, anterior à separação de seus pais, quando o pai se mudou com o irmão dela para outra cidade. Depois da partida deles, sua mãe comprou outro sofá, porque o pai levou o cinza para sua casa nova.

Na lógica dos sonhos, encontrar o sofá significava que ela tinha voltado à infância. Mas ela não encontrou um espelho na sala de entrada. Ficou decepcionada — queria ver seu rosto quando criança. Voltou à sala de estar e não encontrou o sofá cinza lá também. Em seu lugar, havia um sofá de couro preto. Ela o reconheceu e se irritou. Esse sofá era da antiga sala de estar de Khaled. Aproximou-se dele com cautela, tocou-o e sentiu uma coisa úmida na mão, como se fosse suor. Tentou tirar a mão, mas ela ficou presa no couro. Começou a sacudi-la para separar sua pele do couro do sofá, mas não adiantou e ela começou a gritar.

Acordou assustada. Seu pescoço estava molhado de suor e o cabelo todo grudado. Sentiu a mesma irritação que sentira no sonho ao ver o sofá. Enquanto lembrava o sonho, perguntou-se por que seu pai não quisera levar nada além do sofá. A única vez em que ela chorou depois que os pais se separaram foi na manhã em que acordou, foi à sala e não viu o sofá. Sentou-se no chão, no lugar vazio em que ele estivera, apoiou a cabeça nas mãos e começou a chorar. Quando a mãe a viu, não perguntou por que ela estava chorando; apenas se sentou a seu lado, chorando também. Elas não falaram sobre isso, mas, na manhã seguinte, a mãe comprou um sofá novo que tinha todas as cores do mundo — e algumas desconhecidas até então. O olhar de espanto no rosto das visitas era nítido assim que viam aquele sofá inusitado. Mas ela e a mãe estavam muito contentes com seu sofá lindo que não lhes lembrava nada. Era apenas totalmente assombroso.

Ela terminou a cerveja e foi até o balcão pedir um uísque. Desta vez, quando olhou para o homem corcunda que ali estava, achou seu rosto familiar, mas sem ter certeza de realmente o conhecer. Ele lhe sorriu e então ela soube que já o vira antes, mas em algum outro lugar que não no bar de Abbu Wadiya. Era difícil esquecer uma pessoa com um rosto tão estranho: dois olhinhos redondos nos quais ela não via nenhuma expressividade. Percebeu neles familiaridade misturada com um quê de apatia, o que parecia intencional — talvez em busca da compaixão alheia ou de esconder alguma coisa. Um nariz estranho que lembrava uma espiral e dentes igualmente tortos. Em

suma, era como se uma tempestade tivesse atingido seu rosto. Apesar disso, era difícil descrevê-lo como feio; não porque fosse bonito, mas por ser totalmente fora do comum, como se tivesse sido criado por uma imaginação poderosa e turbulenta. Ela lhe sorriu com cautela enquanto voltava para sua mesa, e ele se virou e pareceu segui-la com os olhos. Ela fixou os olhos na parede em frente, para ignorá-lo.

Olhou o relógio pendurado na parede atrás do balcão; tinha acabado de marcar nove horas, e as pessoas começavam a encher o lugar, como de costume. Ela nunca havia comprado um relógio na vida, e todos os relógios que as pessoas lhe deram ao longo dos anos foram inúteis, não passando de tentativas fracassadas de forçá-la a cumprir seus compromissos. O estranho era que às vezes os relógios paravam de funcionar sozinhos quando ela os colocava no pulso. Sempre interpretou isso como a recusa do próprio tempo em ser reconhecido por ela. Com certeza, era a única explicação lógica para aquele fenômeno esquisito.

Estava prestes a acender um cigarro quando viu Walid vindo em sua direção. Ficou surpresa, porque eles não se falavam fazia um bom tempo — nada além de um “oi” rápido de vez em quando. Walid se aproximou dela e sorriu devagar como costumava fazer.

Walid:

“E aí, como você está?”

Maya:

“Bem. E você?”

Walid:

“Vou pegar uma bebida e já volto. O que você quer, seu uísque de sempre?”

Maya:

“Ainda não terminei o primeiro.”

Ele não respondeu e foi até o balcão. Achou estranho ele dizer “seu uísque de sempre”, como se não tivessem se passado três anos desde que eles estiveram juntos. Ela se lembrou de uma vez em que estava lá com Khaled, e Walid na mesa em frente à deles com sua namorada inglesa. Embora ela não o tivesse cumprimentado, Khaled logo lhe perguntou se eles tinham tido algum relacionamento no passado. Ela estranhou Khaled ter concluído aquilo sozinho. Ele disse que soube logo de cara, pela maneira como Walid a olhava.

Maya:

“O que você quer dizer com ‘como ele me olhava?’”

Khaled:

“Ele olhava como se você fosse dele.”

Maya:

“Mas já passou tanto tempo, e ele agora tem uma namorada. Acho que nem se lembra...”

Khaled:

“Isso não importa. Você não sabe como os homens pensam. Se um homem já esteve com uma mulher a quem ele viu nua uma vez, ele a imagina assim sempre que a vê. Já era. Essa imagem nunca sai da cabeça dele.”

Naquela ocasião, ela se indagou se todos os homens seriam assim de fato ou se tinha sido apenas o ciúme de Khaled que o levava a fantasiar aquilo — embora ele sempre dissesse que os relacionamentos anteriores dela com outros homens não o incomodavam nem um pouco. Entretanto, naquele momento pareceu evidente que ele não aceitava a ideia de que outro homem



além dele já a tivesse visto nua. Mas talvez ela estivesse enganada... Ele já havia provado muitas vezes que conseguia entender os amantes anteriores dela melhor do que ela mesma jamais conseguira.

Walid entregou outro copo de uísque para ela e sentou-se à sua frente na mesa.

Walid:

“Então parece que você está sozinha...”

Maya:

“É, e você também.”

Ela respondeu com o inexplicável sarcasmo que lhe servia de refúgio quando não sabia o que dizer. Os dois riram um pouco, aparentemente sem motivo. Depois ela entendeu que a namorada de Walid tinha ido para a Inglaterra e que ele estava se preparando para ir também. Walid não fora marcante em sua vida e ela não se lembrava de ter sofrido quando terminaram. Ele tinha entrado e saído de sua vida com uma estranha tranquilidade. Quem dera as coisas tivessem sido assim com Khaled também.

De repente se sentiu agradecida a Walid por ele não ter ficado tanto tempo em sua vida. O relacionamento deles não tinha nem dois meses quando acabou por causa de um mal-entendido que nenhum dos dois se preocupou em esclarecer. Dessas relações que terminam antes de se tornar dolorosas, como um aborto. Todavia, com o tempo, fica evidente que esse é o único tipo de relacionamento que consegue manter sua beleza, como uma estrela de cinema que se suicida no auge da fama. Apesar de ele não ter sido muito importante para nós, é a única coisa de que nos lembramos sem sentir dor de fato, como se

não fosse algo nosso, e sim roubado da memória de outra pessoa.

Ela se lembrou das palavras de Khaled. Será que Walid estaria imaginando-a nua neste instante? Esse pensamento a fascinou e, mesmo que ele não a estivesse imaginando assim agora, pela maneira como falava parecia óbvio que ele estava decidido a vê-la daquele jeito à noite.

Walid:

“E o que você vai fazer mais tarde?”

Maya:

“Vou pra casa. Por quê?”

Walid:

“Você quer ir pra minha casa?”

A pergunta dele a pegou de surpresa; um oferecimento explícito e direto, sem cerimônia. Sem dúvida, as coisas haviam mudado desde que ela, solteira, foi morar na cidade — ou seja, três anos antes, quando ela conheceu Khaled. Normalmente, seria preciso mais do que uma bebida e dez minutos de um papo à toa para que duas pessoas chegassem a essa etapa. Ou talvez ele acreditasse estar dentro dos limites ao lhe propor aquilo sem cerimônia, uma vez que os dois já tinham estado juntos. Mas fazia muito tempo, e ela não via nenhuma semelhança entre o homem que conheceu e o que estava sentado a sua frente agora. Na verdade, ela ainda não havia encontrado uma maneira de lidar com o passado que não fosse evitá-lo completamente. Ela não tinha sentimentos reais nem sobre a vida nem sobre os anos que até então a haviam conduzido pela vida. Todos os dias de manhã, acordava e pensava que tinha acabado de nascer, sem nunca ter tido de fato a

sensação revigorante de renascer todas as manhãs. Na verdade, a cada manhã, ela se sentia pior do que na manhã anterior. Ela passou todo aquele tempo — vinte e cinco anos — tentando renascer como um ser que jamais estaria completo. Ela.

A voz de Walid a despertou:

“Aqui está muito cheio. Vamos beber na varanda e ouvir uma boa música, o que você acha? Afinal, eu moro aqui perto.”

Ela sorriu como se o estivesse parabenizando pelo esforço de tentar convencê-la.

Maya:

“Não sei.”

Walid:

“Tudo bem. Vou pegar outra bebida e já volto.”

Ela o observou com atenção enquanto ele se afastava. Walid tinha um modo engraçado de andar que era meio homem das selvas. Pernas bem abertas e ombros para trás de um jeito tão exagerado que parecia forçado, como se quisesse exibir sua virilidade para o mundo. Ela se lembrou da primeira vez em que fizeram sexo; ela estava no colo dele e, de repente, ele a carregou da sala para o quarto e a jogou na cama. Dali em diante, ela começou a chamá-lo em segredo de “homem das selvas”. Porém, logo ficou claro que o “homem das selvas” era totalmente preocupado com a própria saúde, à beira de uma obsessão compulsiva. Ele vivia com medo de sofrer um ataque cardíaco. Quando estavam na cama, depois de terem feito amor pela primeira vez, ele pegou a mão dela e pôs sobre seu coração.

Walid:

“Está batendo muito rápido, não está?”

Maya:

“Não, está normal.”

Walid:

“Se eu morresse agora, o que você faria?”

Como na hora ela não soube o que responder, sua resposta foi áspera e irônica sem que ela tivesse essa intenção; era o que acontecia quando não lhe ocorria uma resposta apropriada:

“Claro que eu sairia daqui, para que não suspeitassem de mim.”

Ela olhou para o bar e viu que o homem corcunda a encarava. Ele sorriu de novo e ela se virou, talvez com alguma hesitação. Havia algo estranho a respeito daquele homem. Pegou seu maço de cigarros e saiu para fumar e tomar um ar. Walid também tinha saído e falava ao telefone com sua namorada inglesa. Ela estava longe, mas ouviu algumas coisas porque ele falava muito alto. Parecia que a namorada estava perguntando sobre as plantas dela e sobre o gato, e ele lhe assegurava que regava as plantas e dava o remédio do gato todos os dias; o gato ainda estava com diarreia, mas tinha melhorado um pouquinho. Ela imaginou o “homem das selvas” regando plantas e limpando a merda do gato, e não conseguiu conter o riso quando ele voltou.

Walid:

“O que foi?”

Maya:

“Nada. Vi uma coisa que me fez rir.”

Ele pareceu não entender, mesmo assim sorriu para ela. Quando eles estavam voltando para dentro, o

celular dela tocou. Ela olhou a tela, era um número de fora do Líbano — certamente, Khaled —, então logo se afastou de Walid e atendeu:

“Alô. Oi, Khaled.”

Khaled:

“Oi, e aí? Parece estar barulhento aí onde você está. Você não está em casa?”

Maya:

“Não, estou no Abbu Wadiya.”

Khaled:

“Acabei de voltar para casa. Estou congelando, a temperatura estava cinco graus negativos quando eu vim para cá.”

Maya:

“Uau! Aqueça-se, querido.”

Khaled:

“Sim, vou fazer isso. Estou embaixo do cobertor agora. Não consigo me mexer de tanto frio. Você vai ficar fora até tarde? Posso esperar acordado para conversarmos pelo Skype.”

Maya:

“Até tarde não. Vou embora daqui a pouco. Mas, se você estiver cansado, pode ir dormir, querido, não tem problema.”

Khaled:

“Com quem você está?”

Maya:

“Com Miriam e Lina.”

Khaled:

“Ouça, querida: se você quiser ir embora sozinha, pegue um táxi; não pegue o transporte público.”

Maya:

“Tudo bem, querido. Yalla, *bye*.”

Ela desligou o telefone surpresa com a insistência de Khaled para que voltasse de táxi para casa. Queria mesmo acreditar que isso era um indício de que ele se importava com ela, mas esse tipo de cuidado com sua segurança só tinha aparecido depois que ele deixou o país. Quando estavam juntos no Líbano, ele não ligava para esses detalhes. Várias vezes, quando ela ia embora da casa dele sozinha à noite, ele não se oferecia para acompanhá-la. Por que estava tão preocupado com ela agora? Ele não a deixara sozinha aqui?

Ela voltou para o bar e percebeu que o homem corcunda não a encarava mais. Por um instante, achou que tinha descoberto quem ele era, mas esbarrou em alguém que estava passando e se distraiu da ideia. Queria voltar logo para a mesa e juntar suas coisas; sua respiração tinha se tornado difícil depois do telefonema de Khaled. Precisava ir embora, e rápido. Não encontrou Walid. Suspirou fundo, pegou sua bolsa e correu para fora.

Não havia dúvida de que ela tinha andado a esmo, por uns dez minutos ou mais, antes de parar. Assim que fez isso, sua respiração começou a acalmar. Sentiu frio e percebeu que esquecera o casaco no Abbu Wadiya, mas não tinha nenhuma vontade de voltar lá naquela noite. Enrolou seu xale nos ombros e se viu em frente à delegacia de Hubaych. Estranho que suas pernas a tivessem levado justamente para lá. Sentiu o celular vibrar na bolsa — era uma nova mensagem. Achou que seria de Khaled, mas, quando olhou, viu que era de Walid:

“O que aconteceu? Você sumiu para onde?”

Pensou em responder: “É melhor você ir para casa regar as plantas. É o certo a fazer”.

Claro que ela não respondeu isso, mas estranhou que ele ainda tivesse seu número. Ela se perguntou o que aconteceria se trocasse o número de seu telefone e não contasse para Khaled. E se ela sumisse de vez? Ele a procuraria ou ficaria lá no Canadá esperando por ela no Skype? Provavelmente a segunda opção. Ela já sentia como se Khaled esperasse por outra mulher no Skype; um fantasma que, todas as noites, iria repetir as mesmas expressões automáticas para confortá-lo de que tudo estava sob controle no ninho de amor virtual que ele havia montado para ela depois que a deixou. E se ela programasse o Skype para falar com Khaled em seu lugar? Será que ele notaria a diferença?

Decidiu seguir em direção a Manara, embora não achasse prudente; na verdade, nada prudente, sobretudo àquela hora da noite, em que ninguém ia ao calçadão — a não ser uma seleta elite de desamparados pela assistência social de Beirute e os amantes que não tinham a sorte de ter um lugar melhor para ficar a sós. Contudo, era do que ela precisava no momento. Lembrou-se da primeira noite em que dormiu no antigo apartamento de Khaled em Ain Almiresse, perto do mar, e de como a manhã seguinte foi revigorante, quando os dois se sentaram em um banco de madeira no calçadão. Ela ficou apreensiva com a simples cena de um barco vazio no meio do mar e perguntou a Khaled sobre aquilo. Ele disse que devia ser de algum pescador que estava nadando por ali. Depois disse que, quando morresse, queria que o colocassem em um barco como aquele e ateassem fogo. Disse que tinha visto isso em um filme.

Ele falou da própria morte com um entusiasmo estranho e com um romantismo incrível, dizendo também que imaginava que eles envelheceriam juntos. Quando morressem, seus corpos seriam colocados no mesmo barco e lançados ao mar, em direção ao desconhecido. Ela não teve uma resposta-padrão para aquela conversa. Deveria ficar feliz por ele querer passar o resto da vida com ela? Porém, não foi bem isso que ele disse. Ele não havia falado nada sobre a vida deles juntos, apenas sobre a morte deles juntos...

O barulho de uma motocicleta que passou a seu lado interrompeu suas reflexões, e ela, assustada, tratou de seguir em frente. Teve medo de que a pessoa da moto fosse o homem corcunda do Abbu Wadiya, mas ele desapareceu rápido na escuridão da rua antes que ela pudesse ter certeza. Deu mais alguns passos com cuidado, e então a moto voltou em sua direção com muita velocidade, como se fosse atropelá-la. Dessa vez olhou o rosto do piloto; confirmou sua suspeita e recuou. Era o homem corcunda, e ele parou a moto de repente. Ela gritou tão alto que assustou até a si mesma, mas o homem não pareceu ouvir nada.

Maya:

“O que você quer?”

Ele continuou encarando-a do mesmo jeito que fizera no Abbu Wadiya. Ela não conseguia discernir as emoções no rosto dele; não parecia perturbado, mas calmo de uma maneira inquietante. Alguns instantes se passaram até que ela tivesse a reação esperada nesse tipo de situação, que era tentar fugir depressa — só que ela era melhor em fugir de si mesma. Naquele momento, enfrentando o perigo real, demorou um



tempo relativamente longo para entender que aquilo estava acontecendo de verdade e não só brotando de sua imaginação. Apesar de perceber isso um pouco tarde, por fim ela obedeceu ao ímpeto de fugir e correu surpreendentemente rápido para alguém de pernas curtas e pulmões detonados pelo cigarro. O único problema foi ela ter corrido na direção errada, entrando cada vez mais na escuridão. Ela não sabia para onde ia; apenas ouvia o ronco da moto ressoar em seus ouvidos e chegar cada vez mais perto. Sua derrota parecia iminente...

Ela não soube como aconteceu. Tinha caído sozinha ou se chocado contra a moto? Viu-se ajoelhada no chão e o homem corcunda de pé do outro lado da rua, encarando-a daquela maneira. Tentou se levantar, mas seus joelhos não a sustentaram. Sentiu que estavam machucados, mas não olhou para eles, apenas continuou tentando se levantar. De repente, o homem saiu de onde estava, foi até ela e ajudou-a a se levantar, mas em seguida a segurou firme pelo braço para evitar que ela saísse dali. Dessa vez ela não pensou em fugir; olhou para o prédio diante dela, sem acreditar que havia chegado até ali. Estava em frente ao antigo prédio de Khaled, todo interditado e imerso na escuridão da rua. Lembrou-se de como ficou triste quando Khaled lhe contou que o demoliriam em breve. Depois se lembrou da gaveta em que ele costumava guardar as coisas que ela esquecia. Com certeza ele já teria preparado outra gaveta para ela no Canadá e pensava nisso com afeto e tranquilidade naquele exato momento que estava ali, retida por aquele homem insano. Ninguém a escutaria gritar naquela vizinhança completa-

mente deserta. Quando ia até a casa de Khaled, tinha medo de andar sozinha ali e pedia que ele a esperasse na esquina.

“Não está me reconhecendo?”, disse o homem corcunda em voz baixa, parecendo envergonhado. Estupefata, ela o olhou com atenção. As feições dele pareciam ter mudado, ficando mais nítidas aos poucos; ele ainda a segurava pelo braço quando falou:

“Sou o Mahmud. Eu entregava as coisas do mercado Sami quando vocês moravam aqui.”

Por que ela não o tinha reconhecido? Talvez por tê-lo visto no Abbu Wadiya, em um contexto diferente daquele a que estava acostumada. Ou talvez ela o tivesse apagado da memória, junto com as outras lembranças que tinha desse lugar, da casa em que vivera com Khaled. Estranho que sua fuga tivesse acabado justo aqui. Será que suas pernas a trouxeram inconscientemente? Ou ele é que a tinha forçado a pegar essa rua? Ela não entendia mais nada. Sentiu que tudo aquilo parecia um sonho surreal e que a melhor solução seria render-se à lógica do sonho até ele acabar e ela poder enfim acordar.

“Claro que estou te reconhecendo, mas solta o meu braço!”

Ao dizer isso ela tentou soltar o braço, mas os braços fortes dele a mantiveram no lugar. Ela não fez nada para resistir. Apenas tentou controlar um pouco sua respiração acelerada. Não queria que ele percebesse o quanto estava assustada. Pensou que, se farejasse seu medo, ficaria mais violento. Tinha visto em algum lugar que cães conseguem identifi-

car criminosos pelo cheiro do medo deles, e daí os atacam. Desde então passou a ter fobia de cães. Sempre que vê um cachorro na rua, imagina que ele vai atacá-la — não por ela ser criminosa, mas porque ele vai sentir o cheiro de medo e de culpa aflorar na pele dela. Normalmente ela se controla e segue em frente com calma, pensando que vai enganar o cão e que o nariz dele não vai perceber a tempestade de medo passando a seu lado. No entanto, não lhe pareceu que essa abordagem surtiria efeito com Mahmud. Ela gritou sem nem perceber:

“Me deixe em paz! Me solte! Está ouvindo? Me deixe em paz!”

Ela o olhou; o rosto dele se mexia de um jeito estranho, como se de forma involuntária. Percebeu que o olho esquerdo tremia devagar e que a boca estava torcida para baixo, como se tentasse segurar um sorriso que teimava em cair.

Subitamente, uma voz tremida emergiu dele:

“Eu te amo.”

Ele disse isso olhando para ela, como à espera da resposta: “Eu também te amo”. Ficou claro que, para ele, o que estava acontecendo não era uma agressão, como ela sentia, e sim um gesto de amor verdadeiro.

Ela se esforçou para falar da maneira mais calma possível:

“Mahmud, eu preciso ir, minha família está me esperando em casa. Deixe eu ir embora, e amanhã a gente se vê. Eu te dou meu telefone. Mas agora preciso ir mesmo.”

Ele não pareceu escutá-la e pôs um fim à conversa por conta própria. Parecia totalmente ausente, mas não

a soltava. Ao contrário; puxava-a para si com força e agarrava o pescoço dela por trás:

“Eu sei que não tenho dinheiro nem educação, mas vou ganhar muito dinheiro, comprar um carro e arrumar meus dentes. Eles vão ficar bonitos, como os dos caras de quem você gosta. E eu também vou pedir pizza pra você no delivery, mas não vou deixar você abrir a porta para ninguém; sou muito ciumento.”

Ela ficou em silêncio um pouco e, então, algo inesperado aconteceu. Ele a soltou, virou-se e se afastou, gritando enquanto olhava para cima, como se falasse com alguém no céu:

“Mahmud, o monstro, Mahmud, o monstro! Ouça, o monstro está falando com você, ouça o monstro!”

Ela permaneceu ali, totalmente paralisada, vendo-o se afastar. Não se mexeu até vê-lo voltar para a moto, depois começou a correr de novo, mesmo com os joelhos doendo muito. Ouviu o ronco da moto de novo e correu ainda mais rápido, mas depois de algum tempo percebeu que o som continuava distante, sem se aproximar. Parou de correr e se virou para ver se ele a seguia. Ela o viu de longe direcionar a moto para um poste e se chocar nele. Mahmud deu ré, mirou no poste e bateu nele outra vez.

Depois de caminhar sozinha pela rua escura por quinze minutos, ela finalmente chegou ao calçadão enquanto a alvorada irrompia. Inclinou-se sobre a cerca e viu o barco vazio ainda no mar, no mesmo local. Percebeu que o barulho do bombardeio continuava, apesar do cessar-fogo com o qual os israelenses tinham concordado no dia anterior. Sem dúvida, iam

aproveitar até o último segundo antes de o sol nascer para bombardear tudo que pudessem. Com certeza, torciam para que a madrugada durasse para sempre, enquanto os moradores dos subúrbios rezavam para que o sol nascesse de novo.

Quanto a ela, tinha a imaginação voltada para a madrugada de um outro tempo entalada em sua garganta, o que dificultava sua respiração — como o barco vazio que balançava nas ondas lentamente.

\* *Conto escrito originalmente em árabe.*